

O QUINTO IMPÉRIO NA HISTÓRIA DO FUTURO: PROFECIA OU UTOPIA?

Jaqueson Luiz da Silva¹

RESUMO

Vários são os trabalhos que procuraram estudar os aspectos e questões suscitadas pela obra profética do padre Antônio Vieira, dentre os quais aqueles que buscam analisá-la segundo o gênero da utopia, ou como utopia mesmo. Neste trabalho, porém, analisa-se a obra do jesuíta, especificamente a *História do Futuro*, comparando-a a textos do gênero utópico no que concerne à relação espaço-tempo, com o objetivo de verificar o quanto há de utopia, ou profecia apenas.

Palavras-chave: Utopia – Profecia – Vieira – Quinto Império – História do Futuro

ABSTRACT

There are many studies that discuss the work of Father Antonio Vieira, and among them there are those which try to compare his work with utopies. In this article, however, the work of Vieira is going to be analysed, specially *História do Futuro*, comparing to the utopic texts in a time-space relation, with the objective of analysing what is utopic or prophetic.

Key words: Utopie – Prophecie – Father Vieira – Quinto Império – História do Futuro.

INTRODUÇÃO

Vários são os trabalhos que relacionam o profetismo e a questão do Quinto Império, existentes em alguns escritos do Padre Antônio Vieira, ao pensamento utópico do Quinhentos, principalmente inglês e italiano. Porém o que intentaremos demonstrar aqui, a partir de nossos estudos da obra do jesuíta e de algumas utopias, é de uma posição contrária a tais estudos: que a obra profética de Vieira, em especial a *História do Futuro*, não se estabelece como uma utopia. Utopia no sentido de gênero do humanismo, bem como a conceituação daí advinda como sonho irrealizável, delírio etc. Para alcançarmos este objetivo, utilizaremos algumas definições de utopia no tocante ao Quinhentos europeu, a *Utopia* de Thomas More, *A Cidade do Sol* de Campanella e *O Mundo Sábio e Louco* de Anton Francesco Doni. Também lançaremos mão de alguns estudos que verificam o pensamento utópico em Vieira, bem como da sua *História do Futuro*.

Primeiramente, veremos como alguns autores inserem o gênero da utopia no pensamento humanista. Para Luigi Firpo, o pensamento utópico ou a utopia filia-se aos princípios estipulados no Concílio de Trento, especificamente à Contra-Reforma, de onde surgem influências da especulação teológica e política sobre o pensamento humanista. No entanto a utopia, por criar um lugar de felicidade na terra, contrasta-se com a cidade celeste cristã, beatífica e perene oferecida pelas

¹Doutorando do Departamento de Teoria Literária do IEL/UNICAMP.

escrituras do cristianismo (FIRPO, 1948)². Agnes Heller situa o humanismo ou renascentismo como uma época em que se cruzam diferentes expectativas, em sua maioria contraditórias, resultado de uma nova estrutura social, peculiarmente dividida e cheia de conflitos, em que pairavam os preceitos de Maquiavel, cujo conceito de sociedade fundamentava-se na categoria tradicional da *pólis*: regular e sujeita a leis, ou seja, o bem comum é o mais importante, sendo os interesses individuais anulados em favor uns dos outros. Conclui a autora supondo que as utopias de More e Campanella surgem como uma tendência filosófica que se dirigia na busca de uma liberdade não existente na sociedade³. Comentando Campanella, Rodolfo Mondolfo diz que não se deve considerar o esboço de ordenação social que as utopias trazem, mas os elementos inelimináveis que inspiram os seus projetos⁴. Em suma, poderíamos resumir a maioria das opiniões a respeito do que seja utopia na definição de um lugar ficcional, um antiuniverso, cujas categorias, mesmo que correlatas ao real, lhes são antitéticas, pois possui como fim ordená-lo.

Centraremos-nos na definição de utopia vigente no humanismo, portanto, faremos uma breve descrição das utopias deste período. Iniciemos com a precursora, a *Utopia* de More. O primeiro livro da obra é um panorama sobre os principais problemas da sociedade, efetuado pelo próprio More, por Peter Giles e pelo navegante português Rafael Hitlodeu; no segundo livro, este último narra a viagem que fez à Utopia, descrevendo-lhe os pormenores da organização social. Podemos dizer que o segundo livro funciona como um contraponto ao primeiro. A *Cidade do Sol* de Campanella, descrita a partir do diálogo do Grão-Mestre E do Almirante, o autor da viagem, encontra-se nas proximidades do Ceilão e consiste em uma espécie de teocracia, governada pelo supremo regedor Hoh, auxiliado por três chefes designados Pon, Sin e Mor que equivalem a Potência, Sapiência e Amor, respectivamente. A regência destas quatro entidades tem por finalidade a busca da perfeição dos corpos e da mente dos habitantes da cidade solar, por meio de um rígido controle da produção e educação da prole. No *Il Mondo Savio e Pazzo*, é descrito um mundo cuja aparência é dupla: um mundo em que existem as mesmas coisas que

²FIRPO, Luigi. "Contributi alla Storia del Concilio do Trento e della Controriforma" in *Quaderni di Belfagor* diretti da Luigi Russo. Quaderno Primo. Firenze, 1948.

³ Nas palavras da autora: "Disse anteriormente que as pessoas de hoje (e até as de há dois séculos) se sentiriam numa prisão se se encontrassem na sociedade ideal de More ou de Campanella. Por que razão digo, então, que procuravam conceber um reino de liberdade? Porque o indivíduo burguês moderno, com a sua subjetividade e vida interior características, ainda não se tinha desenvolvido; dada a existência e a consciência dos homens *dessa época* as utopias de More e Campanella descreviam de facto um mundo de liberdade. Isso é particularmente verdadeiro no caso de More; no de Campanella, é verdadeiro com algumas reservas – só é correcto dentro dos limites do mundo que ele *conhecia*, aquele que o rodeava imediatamente. Mas mesmo supondo – se bem que não admitindo – que estas utopias possam não ter descrito a estrutura de uma sociedade (relativamente) livre: a *tendência filosófica* de ambas dirigia-se ainda para a procura dessa sociedade e para o esboço dos seus contornos." "Filosofia Social, Política, Utopia" in *O Homem do Renascimento* Lisboa: Editorial Presença, cap.X., p. 291.

⁴ "Tomás Campanella e o seu pensamento" in *Figuras e idéias da Filosofia da Renascença* São Paulo: Editora Mestre Jou, p.178.

se apreciam neste, mas em que os homens partilham de um único pensamento e as paixões humanas são descartadas⁵.

Após termos descrito estas utopias, apresentemos, então, a *História do Futuro*, que foi composta no ano de 1664, enquanto Vieira estava mantido em cárcere pela Inquisição portuguesa. É importante ressaltar o âmbito em que este escrito foi composto. A grande maioria dos estudiosos da obra de Vieira diz que a idéia do Quinto Império foi uma questão que permeou toda a vida do jesuíta, desde o seu primeiro sermão pregado até a *Clavis Prophetarum*. No entanto, em nosso estudo, analisamos quase uma centena de cartas escritas anteriormente ao processo inquisitorial, ou seja, setembro de 1663, e 24 sermões, também anteriores a tal data, e constatamos que não há nestes escritos qualquer formulação em relação ao Quinto Império, Bandarra, ou a ressurreição de D. João IV, senão elementos da doutrina católica, como a vida eterna na cidade celeste com Deus, após o juízo final, a profecia e a ressurreição como fator integrante da Providência Divina.

Porém, na carta *Esperanças de Portugal: Quinto Império do Mundo*, que dá início ao processo inquisitorial, é possível encontrarmos de forma definida a questão da ressurreição de D. João IV e o profetismo de Bandarra e, de forma menos definida, um reino universal, cujo monarca seria o rei português. Entendemos que tal carta constitui-se como uma epístola consolatória à Rainha D. Luísa e por isso um panegírico ao rei defunto. É possível mesmo encontrarmos na carta todos os elementos do gênero epidítico preceituados pelos principais retores da tradição greco-romana, como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, bem como dos retores da epistolografia humanista, como Erasmo de Roterdam, Juan L. Vives, Pierre Fabri e Justus Lipsius. A partir de nossa leitura da *Carta*, pelo viés de tais preceptivas, podemos entender que as *Esperanças de Portugal*, muito mais que um tratado teológico ou profético sobre a instauração do Quinto Império, são como uma carta particular, destinada a um número bem reduzido de interlocutores, com um fim consolatório e laudatório⁶.

⁵ Esta utopia parece carregar-se de um certo erasmismo, pois no *Elogio da Loucura* o mundo é descrito como uma comédia, em que os homens apresentam-se como máscaras de fisionomias diversas de acordo à situação e ao interesse. Em outras palavras, isto seria a prudência, o decoro ou a dissimulação que faz com que a vida siga seu rumo, ou seja, o que faz com que algumas coisas pareçam sábias, ou loucas, quando não o são, por exemplo. Cf. ROTTERDAM, Erasmo. *Elogio da Loucura*. Tradução de Paulo M. Oliveira. In *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, cap.XXX, p.41-46.

⁶ Esta análise da carta *Esperanças de Portugal: Quinto Império do Mundo* de Vieira é a primeira parte de nosso trabalho que visa estudar o estabelecimento da questão do Quinto Império na obra do jesuíta, ou melhor, em que momento da composição de seus escritos, ou seja, cartas, sermões e papéis compostos como defesas perante o Santo Ofício, esta questão aparece como um lugar estabelecido, e as circunstâncias que tenham levado a tal estabelecimento. A respeito dos tratados de epistolografia do humanismo verificar os trabalhos de Judith Henderson "Erasmus on the Art of Letter-Writing" in *Renaissance Eloquence. Studies in the Theory and Practice of Renaissance Rhetoric*. Edited by James J. Murphy. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press; J. Chomarat *Grammaire et Rhétorique chez Erasme*. Vol.II, Paris: Les Belle Lettres, 1981, cap. III e de Adma Muhana "O Gênero epistolar: diálogo *per absentiam*" in *Discursq* no.34.

Há ainda uma controvérsia quanto à data de início de composição da *História*. Alguns estudiosos aceitam a data de 1649, porque o manuscrito deste papel possui tal data rasurada. Para eles, Vieira havia iniciado suas especulações acerca do Quinto Império nesse ano, cessando a composição devido à incessante atividade missionária e diplomática. No entanto não possuímos cartas deste período que possam comprovar tal hipótese e análises de sermões que datam desta mesma época, com o fim de buscar elementos que confirmem Vieira estar compondo papéis a respeito do Quinto Império, não permitem confirmar tal hipótese.

Por ora, o que sabemos é que a *História do Futuro*, tal como a conhecemos, foi composta como resposta às questões dos inquisidores, após os nove primeiros interrogatórios constantes nos autos do processo. Neles, Vieira é argüido acerca do profetismo de Bandarra, de ter intitulado a carta por Quinto Império e acerca de dizer que o Bandarra havia profetizado sobre o aparecimento das dez tribos perdidas de Israel e a sua universal conversão ao Cristianismo. Por isso, dado seu caráter refutativo e apologético às censuras que a Inquisição desferiu contra as proposições das *Esperanças de Portugal*, o escrito aparece intitulado da seguinte maneira: *História do Futuro, Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo*. O texto que descreveremos aqui é apenas uma parte do que compõe a questão do Quinto Império. Posteriormente, ainda em âmbito inquisitorial, Vieira compôs um como que prolegômeno à *História do Futuro*, intitulado *Livro Antepimeiro da História do Futuro, a Apologia das Coisas Profetizadas e Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*.

Vieira mostra no primeiro capítulo como a quinta monarquia haveria de se estabelecer. Por meio de uma interpretação alegórica das profecias de Daniel, em que um quinto reino haveria de suplantar outros quatro que o precederam, sendo por isso eterno:

Este Império os há-de desfazer e aniquilar a todos, e ele só há de permanecer para sempre, sem haver de vir jamais por acontecimento algum a domínio ou poder estranho, nem haver de ser conquistado, dissipado ou destruído, como sucedeu ou há-de suceder aos demais (VIEIRA, 1992: 259).

Vieira prova, com uma outra profecia de Daniel, que tal reino não é passado, senão futuro. Houve o império persa, o assírio, o grego e o romano e avança, interpretando o profeta Zacarias em que se entende que este último não se destruiria completamente, mas que o Quinto Império surgiria dele, por extensão, ou seja, Portugal:

Assim que, considerando todo o corpo do Império Romano e todas suas empresas, os fortes dos Romanos foram os Cipiões, os Pompeus, os Césares, os Augustos; os fortíssimos foram os Espanhóis e entre esses Espanhóis os fortíssimos dos fortíssimos foram os Portugueses (VIEIRA, 1992: 273).

Nos capítulos que compõem o Segundo Livro, Vieira examina as questões a respeito de ser este Quinto Império o de Cristo com os cristãos, se tal império é deste ou de outro mundo, se temporal ou espiritual, concluindo que ele é tão somente espiritual como temporal. Para chegar a tal conclusão, Vieira parte da interpretação do *Livro de Apocalipse*, no capítulo XIX, em que está escrito que Cristo é Príncipe dos reis da terra e Rei dos reis e Senhor dos senhores. Distingue ainda o Reino e Império Espiritual como lugar de regência do título de Supremo Sacerdote dado a Cristo e Reino Temporal sob a regência do título de Supremo Rei. Portanto, para Vieira, o Quinto Império é parte deste reino universal que Cristo obteve após sua crucificação (*Data est mihi omnibus potestas in caelo et in terra*), ou melhor, a sua parte temporal e terreal, espelho do celeste e que a ele conduz.

No capítulo VI, o autor prossegue com a mesma matéria, apontando que no Reino de Cristo não há os mesmos títulos conhecidos nos reinos da terra, senão segundo os preceitos da redenção. A união real representa-se pela união hipostática, a herança é o reino de Deus, a doação é o arrebanhamento de todas as gentes do mundo, a compra é fazer de todos os homens vassallos e servos de Cristo e a legitimação de Cristo como rei é a sua aceitação por parte de todos os homens, como judeus e gentios. O livro VII é a conclusão mesma de que o Reino de Cristo é espiritual e temporal, ou seja, consiste no Quinto Império:

Recolhendo tudo o que tão largamente temos disputado (que foi necessário ser tão largamente) e reduzido a concórdia quanto pode ser as opiniões de todos os doutores, posto que alguns pareçam entre si contrários, diremos, por última conclusão, que o Império de Cristo é juntamente espiritual e temporal, e que segundo estas duas juízes, ambas supremas, se compõe a coroa de Cristo, Sacerdote Supremo, e outra coroa de universal Senhor e Legislador *in temporalibus*, segundo a qual se chama propriamente Supremo Rei (VIEIRA, 1992: 363).

Alguns estudiosos de Vieira vão argumentar que esse Reino de Cristo na Terra caracteriza-se como uma utopia no sentido mais lato que a palavra compor-

ta. Para Antônio Lopes, essa seria uma esperança arraigada a uma fé indelével de que tal quimera poderia implantar-se no mundo dos homens. Tal idéia seria advinda do seu modo de pensar jesuítico, ou seja, o padre possuía uma espécie de vocação, um chamamento ao Rei Eterno burilado e consolidado pelos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola. Esse seguir ao Rei Eterno, diz o autor, perseguiria Vieira nos 74 anos de sua vida jesuítica, seja em suas missões, seja nos sermões pregados ou nos papéis compostos na Inquisição, finalizando-se na composição da *Clavis Prophetarum*⁷.

Outros já operam uma análise mais categórica da obra profética de Vieira, em especial sobre a *História do Futuro*, com as utopias humanistas, como é o caso de João Décio em seu texto "Profetismo, messianismo e utopia na obra do Padre Antônio Vieira". Antes, o estudioso adverte para a dificuldade de se distinguirem os aspectos messiânicos, proféticos e utópicos da obra do jesuíta, pois eles não estariam nela estanques, estariam, sim, imbricados, correndo-se o risco de ao mesmo tempo em que se estaria descrevendo um elemento messiânico, por exemplo, poder-se-ia estar invadindo espaço do que seria utopia. Segundo João Décio, profetismo baseia-se em uma doutrina religiosa incorporada pela atividade profética, sendo estas predições de qualquer fato futuro feitas sob inspiração divina; o messianismo, por sua vez, seria a crença ou esperança em uma era de felicidades pública ou particular; e, finalmente, utopia, considera o autor, é um sistema ou plano que parece irrealizável, um tempo impossível de existir, ou um lugar que não possui existência.

Dadas estas concepções, comparou-se a *História do Futuro* com a *Utopia*, nos aspectos do tempo, espaço e visibilidade; tais obras seriam semelhantes, pois ambas apresentam o plano de uma sociedade humanamente perfeita, portanto, conclui o autor é:

... procedente a aproximação entre *A Utopia* e a *História do Futuro*, não pelo simples fato daquela ter precedido a esta, mas pelas dimensões proféticas e utópicas que são várias mas que diferem radicalmente. Se vemos bem, *A Utopia* de Thomas More nos apresenta uma visão enfatizando mais a realidade espacial (cidade, ruas, fronteiras, aquedutos), enquanto que a *História do Futuro* permanece num plano de um tempo indeterminado e vendo a realidade espacial num plano geral e amplo. Digamos, se quiséssemos ser extremados, que um propõe a utopia em concreto e outro, em abstrato (DÉCIO, 1997: 940).

⁷ Cf. LOPES, Antônio, S.J. "Os 74 anos de evolução da 'utopia' de Vieira" in *Terceiro Centenário da Morte do Padre Antônio Vieira. Congresso Internacional. Actas*, vol.II, p.857-879.

Uma aproximação realizada de forma mais enfática é a do professor português Amadeu Torres, que compara Vieira a Campanella. Para o professor, esses compartilhariam da mesma visão de mundo, num primeiro momento porque um seria jesuíta, Vieira, e o outro franciscano, Campanella. Portanto, formações espiritualmente católicas, o que condicionou tais visões de mundo orientadas na direção de tempos vindouros. *A Cidade do Sol* de Campanella, diz Torres, ao contrário da *Utopia* de More, não possui uma totalidade imaginária, um universo fictício sem localização, mas geograficamente situa-se no Oceano Índico, junto da Taprobana. A cidade de Campanella estaria mais próxima do Quinto Império de Vieira, ou melhor, segundo o raciocínio do professor, é o Quinto Império que pode receber a designação de utopia, porque, como aquela, traduz a tentativa de constituição de uma igreja universal, de uma hierocracia *sui generis*, além de ser uma ucrônia:

Com a devida vênua, na minha opinião *quod nimis probat, nihil probat*: Campanella aplicou a sua teorização insular a um espaço terrestre e total, sem por tal motivo deixar a “Civitas Solis” de ser utópica; quanto à ucrônia como propriedade inerente à construção utópica, por um lado Campanella desmente-o na prática; por outro, a iminência do *Quinto Império* vieiriano só existiu na sua cabeça, tendo sido paradoxalmente ucrônico afinal e até sempre (TORRES, 1998: 357).

Finalizamos a enumeração de alguns estudos que relacionam a obra de Vieira com o pensamento utópico, trazendo a afirmação de Maria Leonor Buescu que, ao contrário dos estudiosos já apresentados, desconsidera o caráter de utopia que a *História do Futuro* possa possuir. A autora vale-se das categorias de tempo e de espaço para fazer a distinção entre as obras de utopia e a obra de Vieira. A utopia seria um encarceramento do tempo e do espaço. O Quinto Império presente na *História do Futuro*, por outro lado, estaria longe de se encerrar no tempo e no espaço: este seria o universo, aquele o *Milenium*. Não existe neste Império a geometria, muralhas ou fronteiras. Seu estabelecimento será consumado no futuro:

Assim, não utopista nem sequer eutopista, Vieira assume-se como um visionário e um sonhador, intérprete das “promessas, os aplausos e as vozes de todas as Escrituras”. O seu discurso é um discurso profético, situado no rasto do seu “alumiado” modelo, que a censura rasuraria, cujas visões se exprimem também por sonhos – proféticos -: Gonçalo Anes Bandarra e as suas enigmáticas *Trovas* (BUESCU, 1992: 30-31).

Nas mesmas observações de Maria Leonor Buescu, faremos as nossas considerações a respeito da *História do Futuro*, também sobre as categorias de tempo e espaço, especialmente sobre a categoria de tempo. Como bem sabemos, Vieira possuía formação jesuítica, portanto sua forma mentis estava arraigada aos preceitos da neo-escolástica, propriamente sobre a doutrina da patrística, em especial Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Portanto a Providência Divina e a interpretação alegórica das profecias como instrumentos da consumação dos tempos são elementos constantes nos escritos de Vieira.

A interpretação alegórica ou figural, segundo Santo Agostinho, baseia-se nas características da metáfora. A metáfora possui uma característica de transposição, ou seja, tornar semelhantes palavras que entre si são estranhas. Seu emprego aproxima-se do processo de elevação, da faculdade heurística de conhecer, reconhecer e produzir uma nova ordem, provocando desvios em uma ordem anterior. A metáfora, se pensarmos na definição aristotélica, achega diante dos olhos o que está obscuro, entre coisas aparentemente dessemelhantes, ou seja, desvenda enigmas (RICOEUR, 2000).

Podemos dizer que Santo Agostinho, na sua busca de definir o que seria o tempo, considerou a interpretação pela figura [alegoria, metáfora], ou seja, pela decifração de enigma, como o caminho, que desloca o mesmo tempo, a história em direção à eternidade. Pela interpretação figural, o passado é sempre atualizado num presente em que as realidades eternas, o futuro, se fazem presentes material e espiritualmente no catolicismo e sua Igreja. Tal presentificação do futuro seria operada pela profecia (SANTO AGOSTINHO, 1973).

Quando Vieira interpreta as profecias de Daniel, prognosticando nelas o advento do Quinto Império, o faz justamente com os conceitos de interpretação alegórica e destinação temporal agostiniana do mundo e da história. É necessário enfatizarmos também a questão da história providencial, herdada do pensamento tomista. O cumprimento das profecias em uma concepção tomista faria parte da Providência, em que Deus, para certos efeitos, preparou causas necessárias, a fim de que acontecessem necessariamente, e para outros, causas contingentes, para que acontecessem de maneira contingente, de acordo com a condição das causas próximas. Tendo em vista que Vieira parte da existência de quatro impérios anteriores ao quinto, suas causas são contingentes àqueles⁸. Portanto a história seria movida por causas contingentes e não necessárias.

Portanto o Quinto Império da *História do Futuro* estabelece-se muito mais como um pensamento profético que utópico. O tratamento que é dado tanto à utopia quanto à profecia é o que possivelmente as caracteriza como tais. A utopia, como a de Thomas More, por exemplo, já nasce pronta, não possui

⁸ *Suma Teológica* q.22, a. 4, rep. Contingência, no pensamento tomista, consiste em algo que não poderia existir em si mesmo, por não possuir em si mesmo as causas e as razões de sua existência.

passado, não é o resultado de uma evolução. O Quinto Império, por sua vez, tem por causa a História, ou seja, é o seu estágio último. O fato de o Império de Cristo na Terra, prognosticado por Vieira, ser um mundo perfeito, não o torna uma utopia. Não seria ucrônico, como afirma Amadeu Torres, mas a porta para a eternidade, o intermédio entre o primeiro Paraíso Terreal e o Celeste, ao contrário da Cidade do Sol que existe nela e por ela mesma, assim como Utopia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores).

AQUINO, São Tomás. *Suma Teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, v. I, parte I questões 1-43.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. Introdução. In: VIEIRA, António. *História do Futuro*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do Sol*. Tradução e notas de Aristides Lôbo. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

DÉCIO, João. Profetismo, messianismo e utopia na obra do Padre António Vieira. In: *Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira. Congresso Internacional. Actas*, vol.II, p.935-944.

DONI, Anton Francesco. *Il Mondo Savio e Pazzo*. A partir da tradução provisória de Carlos Eduardo Berriel.

FIRPO, Luigi. Contributi alla Storia del Concilio do Trento e della Controriforma. In: *Quaderni di Belfagor* diretti da Luigi Russo. Quaderno Primo. Firenze, 1948.

HELLER, Agnes. *O Homem do Renascimento*. Lisboa: Editora Presença.

LOPES, António, S.J. Os 74 anos de evolução da 'utopia' de Vieira. In: *Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira. Congresso Internacional. Actas*, vol.II, p. 857-879.

MONDOLFO, Rodolfo. Tomás Campanela e o seu pensamento. In: *Figuras e idéias da Filosofia da Renascença*. São Paulo: Mestre Jou.

MORE, Thomas. *Utopia*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ROTTERDAM, Erasmo. *Elogio da Loucura*. Tradução de Paulo M. Oliveira. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os Pensadores).

TORRES, Amadeu. Vieira e Campanella: duas visões do mundo em convergência. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*, n. 2, 1998, p.349-358.

VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*. Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.